

**APRESENTAÇÃO DA SÉRIE
LIDERANÇAS E DIRIGENTES PARTIDÁRIOS**

Nesta série estão os representantes dos partidos políticos brasileiros que refletiram sobre a questão nacional e agrária. São, na maioria, dirigentes do Partido Comunista Brasileiro e do Partido Comunista do Brasil.

Entrevistas disponíveis até o momento:

- Gregório Lourenço Bezerra
- Hércules Corrêa dos Reis
- João Amazonas
- Lyndolpho Silva
- Plínio de Arruda Sampaio

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gregório Lourenço Bezerra

DADOS BIográficos: Político brasileiro que nasceu na região Agreste do estado de Pernambuco, na cidade de Panelas, em 13 de março de 1900. Com a idade de quatro anos começou a trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar para ajudar a família. Com sete anos de idade perdeu o pai e aos 9 anos a mãe e migrou para o Recife. Filiou-se ao PCB em 1930. Em 1935, no Recife, liderou o levante militar promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ALN). Foi preso diversas vezes. Tornou-se deputado constituinte (depois deputado federal), em 1946, por Pernambuco. Apoiou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e, nessa legenda, candidatou-se, em 1982, à Câmara dos Deputados, ficando como suplente. Morreu na cidade de São Paulo em 21 de outubro de 1983.

ENTREVISTADOR (ES): Kalu (estudante), Juarez Ferraz de Maia (jornalista), Wilson da Silveira (engenheiro); Sérgio Ribeiro Granja (Sociólogo), Jean Louis Young (Fotógrafo chileno), Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz (Músico) e Sonia Pereira da Silva (dona de casa)

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Jornal *O Pasquim*

TÍTULO DA MATÉRIA: “Aqui está narrada, por ele mesmo, a quase-história da vida do político brasileiro que, no caderno especial do Jornal do Brasil de 14-01-1979 foi chamado de “O frio e sanguinário Gregório Bezerra”.”

DATA: Não consta, provavelmente, década de 1980, antes da abertura.

LOCAL: Paris, França – por ocasião da visita de Gregório, que residia em Moscou.

OBSERVAÇÕES:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LDP.cli.glb	10 páginas (material incompleto)	Sim	Fotocópia do original, faltam duas páginas

DESCRITORES:

Agildo Barata (PCB)
Álvaro de Souza (PCB)
ANL - Ação Nacional Libertadora
Caetano Machado (PCB)
Campanha "O Petróleo é Nosso"
Canavieiros
Carlos Marighella (PCB)
Classe operária
Coletivismo
Coluna Prestes
Comandante Torquato (PCB)
Comissão do Vale do São Francisco (Câmara dos Deputados)
Conferência de Assalariados Agrícolas de São Paulo
Congresso Nacional dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas (I, 1961)
Constituição Federal (1946)
Coronel Nunes Faria
Fascismo
Humberto de Alencar Castelo Branco (General)
Governo Miguel Arraes (1959-1962)
Governo Vargas (1930-1954)
Graciliano Ramos (escritor)
Greve
Grileiros
Jornal A Classe operária
Jornal A Nação
Ligas Camponesas
Luis Carlos Prestes (PCB)
Marechal Henrique Texeira Lott
Miguel Moreira (PCB)
Movimento Revolucionário de 1935
Paraná
Pascoal Fonseca (gráfico/PCB)
Classe patronal
PCB – Partido Comunista Brasileiro
Pedro Ernesto (prefeito DF)
Pernambuco
Posseiros
PSD- Partido Social Democrático
STR de Londrina (PR)
Tenente Besouchet (PCB)
Tribunal de Segurança Nacional
UDN - União Democrática Nacional
Ultab - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícola do Brasil

SUMÁRIO:

Fala sobre a vida como lavrador, sua família e a inserção na vida militar; narra como chegou ao PCB; fala sobre sua primeira tarefa no PCB, que era contribuir com a organização política dos militares; comenta sobre a relação dos militares de seu batalhão e as greves do primeiro governo Vargas (1935); fala sobre o movimento militar e o levante em PE e RN; discorre sobre guerrilha e correlação de forças entre os trabalhadores; conta sobre o movimento/levante em Recife (PE) e o “primeiro governo popular revolucionário” no Brasil; fala sobre a correlação de forças e o erro de avaliação que levou ao fracasso do levante e sobre a primeira vez em que foi preso; detalha como se deu sua prisão e as sessões de tortura que sofreu; fala como se deu a recuperação de sua saúde na prisão; conta sua relação com um policial que o vigiava e acabou integrando o PCB e como se deu a construção de uma base do PCB na prisão; fala sobre as condições do presídio, sobre greve de fome; conta sobre sua transferência para o presídio na ilha de Fernando de Noronha e como os presos políticos se organizavam por lá; fala sobre a transferência para o presídio da Ilha Grande; comenta sua relação com o PCB e disciplina; conta como foi estar livre depois de tantos anos de prisão e sobre sua candidatura e eleição a deputado federal por PE em 1946; conta como foi a chegada ao Rio de Janeiro como deputado e suas ações nas fábricas e em greves; narra como voltou à prisão e a decretação de ilegalidade do PCB; comenta sua relação de oposição ao General Castelo Branco por ocasião das obras da Chesf (Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco); conta como voltou a prisão e a tentativa de assassinato que sofreu; fala sobre a liberdade decretada pelo STF; após esta prisão voltou-se para a organização dos camponeses em Goiás; fala sobre o comício pela Paz realizado num subúrbio de Goiânia; comenta a campanha eleitoral de 1954; narra como foi deslocado pelo PCB para o Paraná para mediar conflitos entre posseiros e grileiros e como organizou o STR de Londrina; fala sobre a Ultab, as Ligas, e o Congresso de Trabalhadores Agrícolas; fala sobre a mulher trabalhadora rural; comenta sobre “ensaios de luta armada no campo”; fala sobre greve de assalariados/canavieiros em PE; sobre a organização dos camponeses nesse estado e a possibilidade de luta armada; fala sobre pistologem na região, sobre como foi perseguido com o golpe de 1964 e como foi preso novamente.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Gregório Lourenço Bezerra

DADOS BIográficos: Político brasileiro que nasceu na região Agreste do estado de Pernambuco, na cidade de Panelas, em 13 de março de 1900. Com a idade de quatro anos começou a trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar para ajudar a família. Com sete anos de idade perdeu o pai e aos 9 anos a mãe e migrou para o Recife. Filiou-se ao PCB em 1930. Em 1935, no Recife, liderou o levante militar promovido pela Aliança Nacional Libertadora (ALN). Foi preso diversas vezes. Tornou-se deputado constituinte (depois deputado federal), em 1946, por Pernambuco. Apoiou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e, nessa legenda, candidatou-se, em 1982, à Câmara dos Deputados, ficando como suplente. Morreu na cidade de São Paulo em 21 de outubro de 1983.

ENTREVISTADOR (ES): Não identificado

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Não consta

DATA: 1978

LOCAL: Não consta

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7	MSPP/en. LDP.k7.glb2	03 Fitas K7/60min	Não	De acordo com a numeração disponível nos suportes, há uma fita inicial desta entrevista, que não foi localizada.
MP3	MSPP/en. LDP.mp3. glb2	02h52min	Sim	Fitas reunidas em única faixa em formato MP3/320kbps
TRANSCRIÇÃO	Não há			

DESCRITORES:

ANL - Aliança Nacional Libertadora
Anistia política
CCC - Comissão Central dos Coletivos
Comitês Democráticos Populares
Conjuntura política
Ditadura Militar (1964-1985)
Estado da Guanabara
Estado Novo (1937-1945)
Forças Armadas
Golpe Militar (1964)
Governo Vargas (1930-1945)
Governo Vargas (1951-1954)
Luta armada
Luta revolucionária
PCB – Partido Comunista Brasileiro
Preso político
Stalingrado (URSS)

SUMÁRIO:

Fita 1 lado A - O entrevistado discorre sobre o período em que esteve na prisão, durante o Estado Novo; lembra que os presos faziam greve de fome como forma de protesto e instrumento de reivindicação; diz que faziam reivindicações e que algumas eram atendidas; explica que a partir do momento em que o Tribunal de Segurança Nacional condenou os presos políticos, o grupo começou a perder o sentimento de unidade e entrar em atritos; conta que houve suicídios; diz que alguns presos foram para o presídio de Fernando de Noronha; lembra que presidiários, incluindo o entrevistado, resolveram fazer uma lavoura em Fernando de Noronha, para consumo próprio e fornecer para setores do presídio; diz que o presídio fornecia adubos, sementes e ferramentas; fala que possuíam a filosofia de “fazer tudo para a conservação da saúde”; faz uma análise político-histórica da época da Segunda Guerra Mundial; diz que recebia inúmeras informações sobre a situação de guerra pelo rádio clandestino; fala sobre os companheiros que estavam presos em Fernando de Noronha; faz comentários sobre as diferenças entre seu grupo comunista e o grupo integralista; fala que em 1942 o presídio foi transformado em base militar e os presidiários foram transferidos para Ilha Grande; lembra que Miranda, Secretário Geral do PCB, era suspeito de ter precipitado o movimento de 1935; diz que pertencia ao grupo político aliancista; fala que planejou uma fuga que não deu certo; lembra que houve um consenso no coletivo de retomada no plano de fuga e “com apoio do exterior”; lembra que foram transferidos para Ilha Grande, onde a qualidade de vida era melhor; lembra da reação da população em relação à ofensiva nazi-fascista, quando houve manifestações nas ruas e foram depredadas e incendiadas muitas casas de italianos, alemães e japoneses;

Fita1 lado B - discorre sobre o fracasso do movimento revolucionário, assim como de algumas unidades do Exército que tinham compromisso com a Aliança Nacional Libertadora, na década de 1930; diz que o Partido Comunista começou a se rearticular em direção ao movimento insurrecional; explana que no período houve inúmeras prisões tanto na Guanabara quanto em

outros lugares do Brasil; cita diversas lideranças do PCB; fala sobre algumas torturas, as quais resultaram em delação de companheiros de luta; discorre sobre o período em que esteve preso, torturado e bastante debilitado de saúde; fala sobre mecanismos táticos para a comunicação entre os companheiros na prisão; lembra que havia duas organizações internas de presos que eram a CCC (Comissão Central dos Coletivos) e a Fração Partidária; retoma à explanação sobre as estratégias de comunicação entre os presos; conta que quando era preso algum militar suspeito e acusado de comunista, Gregório era feito de “bode expiatório” por ter sido militar também;

Fita 2 Lado A - diz que no período em que estiveram na prisão em Ilha Grande já se comentava sobre Anistia, concomitantemente à melhora de condições internas do presídio; faz uma análise comparativa entre a conjuntura internacional, no período da Segunda Guerra e a conjuntura nacional; diz que a derrota de Stalingrado despertou o entusiasmo em todo o povo brasileiro e internacional, e na imprensa brasileira; diz que tinham certeza que o exército fascista não teria mais condições de encampar uma nova ofensiva em grande escala à URSS; explana sobre a leitura que o PCB da conjuntura internacional em relação ao movimento de massa nacional; diz que em 1944 fizeram uma festa comemorativa de Natal em Ilha Grande com objetivos político e econômico; declara que tal festa teve como objetivo facilitar o contato entre pessoas que, inclusive, os que lutavam por Anistia, avaliada como exitosa; diz que os anti-fascistas viam com bons olhos o avanço da URSS; relata que no mesmo período surgia uma conspiração dos militares e elementos da UDN contra Vargas; revela que a direção do PCB avaliava como estratégico a manutenção de Vargas no poder; consideravam que a existência de uma embaixada soviética no Brasil contribuiria para a consolidação do regime democrático progressista que estaria por vir; revela que sua posição de apoiar Vargas era errônea, porém aceitava a posição do Partido, concordando com o centralismo democrático; conta que aceitou a solicitação de cuidar da segurança de Luis Carlos Prestes; discorre sobre a mobilização nacional pela Anistia; conta que, após ser liberto, continuou na militância; lembra que contribuiu na mobilização das massas para “o comício do Campo de Futebol de São Januário”, onde Prestes fez seu primeiro discurso para o povo em nome do PCB; conta que foi convidado por Prestes a voltar à Recife e continuar a organização e luta revolucionária nos meios populares; diz que conseguiram organizar, principalmente, o setor operário e os bairros populares; cita a criação dos Comitês Democráticos e Populares que, posteriormente, tomaram grande proporção e se transformaram em Associações de Bairro; fala que o movimento atingiu também os camponeses; fala sobre a bandeira de luta pela Constituinte; comenta sobre o período de 1945 em que foi candidato e eleito deputado; diz que enquanto deputado esteve presente nas mobilizações e lutas dos trabalhadores; remete-se à campanha “O Petróleo é Nosso”, encampada pelo PCB; explica a dinâmica política do Parlamento, no período em que era deputado; fala sobre a cassação dos mandatos dos partidários do PCB;

Fita 2 lado B - diz que ele e militantes do Partido foram acusados de sabotadores e incendiários; lembra da tentativa de cassação do mandato de todos os parlamentares comunistas; expõe as resistências e perseguições por parte determinados grupos parlamentares aos partidários do PCB; diz que foi acusado de incendiar um depósito de armamento da Infantaria das Forças Armadas; discorre sobre sua cassação de mandato e prisão; descreve o período em que esteve novamente preso; fala sobre os argumentos para sua prisão; discorre sobre o apoio popular recebido pelo entrevistado enquanto esteve na prisão; discorre sobre o processo judicial, que durou dois anos; denuncia pessoas de alta patente das Forças Armadas;

Fita 3 - faz descrição dos processos contra ele e outros militantes; revela que “a reação” não queria que ele fosse solto, contudo sabia que não podia ser condenado por aquela acusação; lembra que a Comissão de Justiça no Rio de Janeiro pressionou para que houvesse o julgamento mais rapidamente; lembra das tentativas de atrapalhar seu julgamento e absolvição; descreve o processo em que foi julgado e absolvido.



DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Hércules Corrêa dos Reis

DADOS BIOGRÁFICOS: Membro da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB. Foi um dos maiores líderes sindicais do país, dos anos 1950 até o golpe militar de 10 de abril de 1964, além de um ativista e dirigente político de expressão nacional como parlamentar e liderança do Partido Comunista Brasileiro. É autor de vários livros (*A Classe Operária e seu Partido, Programa Comum, O ABC de 1980, Crise do socialismo, Memórias de um stalinista* etc).

ENTREVISTADOR (ES): Maurício Dias

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Senhor*

TÍTULO DA MATÉRIA: “O trabalho segundo Hércules – Um militante do PCB repete os esforços de seu homônimo mitológicos a fim de conseguir um acordo que leve os trabalhadores unidos às discussões sobre o pacto social”

DATA: 13/03/1985

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP/en. LDP.cli.hcr	05 páginas	Sim	Recorte e fotocópia do original

DESCRITORES:

Abertura política
Almir Pazzianoto (Ministro do Trabalho)
Dirigente sindical
Ditadura militar (1964-1985)
Igreja
Eleições parlamentares
Ministério do trabalho
Movimento sindical
PCB – Partido Comunista Brasileiro
Sindicalismo cristão
MSTR – Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO:

Hércules Corrêa fala de suas conversas sobre unificação com os principais dirigentes do movimento sindical, como Joaquim dos Santos Andrade (Joaquinzão) e Lula, e com o futuro Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto; faz uma análise de conjuntura do movimento sindical e comenta, positivamente, a legalização do PCB para disputar as eleições; fala sobre a relação/influência da Igreja no movimento sindical rural.

NÚCLEO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIA SOBRE
MOVIMENTOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NO CAMPO
CPDA/UFRRJ

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): João Amazonas

DADOS BIOGRÁFICOS: Líder do PC do B – Partido Comunista do Brasil.

ENTREVISTADOR (ES): Wagner Carelli e Hélio Campos Mello

VEÍCULO DE PUBLICAÇÃO: Revista *Senhor*

TÍTULO DA MATÉRIA: “O capitalismo, quem diria, já morreu – Às vésperas da legalidade, o PC do B e seu líder João Amazonas negam o stalinismo e reafirmam sua fé na democracia e no socialismo”.

DATA: 27/03/1985

LOCAL: Não consta

OBSERVAÇÕES:

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	NÚMERO DE PÁGINAS	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
IMPRESSO	MSPP.en. LDP.cli.jas	05 páginas	Sim	Recorte e fotocópia do original

DESCRITORES:

Abertura política
Conjuntura política
Democracia
Campanha “Diretas já”
Ditadura militar (1964-1985)
Dívida externa
Eleições constituintes (1986)
PC do B – Partido Comunista do Brasil
SNI – Serviço Nacional de Informação
Socialismo

SUMÁRIO:

Fala sobre a Campanha Diretas Já; discorre sobre Tancredo Neves e a continuidade do SNI (Serviço Nacional de Informação); analisa a dívida externa, o PC do B e a esquerda no país; trata de luta armada e o exílio na França; fala as eleições Constituinte de 1986; fala sobre o socialismo no mundo, o capitalismo, a China.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Lyndolpho Silva

DADOS BIOGRÁFICOS: Nascido no estado do Rio de Janeiro, foi membro da Direção Nacional do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e da Ultab (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil).

ENTREVISTADOR (ES): Paulo Cunha

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevistas feitas para publicação do livro *O Camponês e a história. A construção da Ultab e a fundação da Contag nas memórias de Lyndolpho Silva*, editado em 2004 pela Fundação Astrojildo Pereira

DATA: 06/10/1994 (Fita 1), 23/02/1995 (Fita 2), 26/02/1995 (Fita 3, 4 e 5), 01/03/1995 (Fita 6), 03/03/1995 (Fita 7), 15/04/1995 (Fita 8 e 9), 28/04/1995 (Fita 10), 22/05/1995 (Fita 11), 14/09/1995 (Fita 12), 22/09/1995 (Fita 13), 28/09/1995 (Fita 14), 10/11/1995 (Fita 15), 27/11/1995 (Fita 16)

LOCAL: São Paulo, SP

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: O livro pode ser encontrado sob chamada 320.5320981C972 no setor biblioteca, deste Núcleo.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

SÉRIE: Lideranças e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
K7	Não há			
MP3	Não há			
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en. LDP.trans.lyd	209 páginas	Sim	Digitada e espiralada

DESCRITORES:

Abertura política
Ação Popular
África
América Latina
Camponês
Carlos Marighella
Comitê Brasileiro pela Anistia
Comunismo
Congresso do PCB (IV, 1954)
Congresso do PCB (V, RJ, 1960)
Congresso do PCB (VI, 1967)
Conjuntura política
Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
Crise política
Cuba
Dirigente sindical
Disputa sindical no campo
Ditadura militar
Europa
Exílio político
Formação de lideranças
Formação política
FSM – Federação Sindical Mundial
Golpe militar
Governo federal
Governo Vargas
Greve
Guerra fria
Guerra mundial (2ª)
Guerrilha urbana
Igreja
Internacional Comunista
João Goulart
Jornal Terra Livre
Jornal Voz Operária
Legislação trabalhista
Ligas Camponesas
Luis Carlos Prestes
Luta armada
Luta pela terra
Mídia independente
Ministério do Trabalho
OIT – Organização Internacional do Trabalho
PC do B – Partido Comunista do Brasil
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PC - URSS – Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Política externa
Posseiro
PT - Partido dos Trabalhadores
Reforma agrária
Revolução socialista
Rio de Janeiro
São Paulo
Sindicalismo
Socialismo
Stalinismo
Tancredo Neves
Trabalhador assalariado
Ultab - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas
URSS - União das Republicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO:

Fita 1: Ditadura militar, clandestinidade, exílio, luta armada, crise interna do partido, Carlos Mariguella, 6º Congresso do PCB, distribuição do jornal do partido, família, segurança;

Fita 2: Infância e família; primeiro emprego; educação e moradia;

Fita 3: Mudança para o Rio de Janeiro, ligação com o PCB; 2ª Guerra Mundial; consciência política; Getúlio Vargas; Luis Carlos Prestes; início da militância; período de 1945 e 1946; leituras políticas, influências políticas;

Fita 4: Trabalho político em Bangu/RJ; cassação do registro do PCB; Manifesto de Janeiro; Manifesto de Agosto; sindicalismo; trabalho com operários na fábrica; trabalho com posseiros; curso em São Paulo e na Europa;

Fita 5: Curso de formação política, trabalho camponês, mudança para São Paulo, criação da Ultab, jornal *Terra Livre*, organização sindical;

Fita 6: Trabalho no campo; reforma agrária; Partido dos Trabalhadores; presença da Ultab; relação entre PCB, Ultab e o jornal *Terra Livre* em 1956, organização de sindicatos no campo – direito x repressão;

Fita 7: Ultab, jornal *Terra Livre*, curso em país socialista, Contag, morte de Getúlio Vargas, 4º Congresso do PCB, crise do stalinismo, jornal *Voz Operária*, 6º Congresso do PCB, líderes do partido, Declaração de Março de 1958, 5º Congresso do PCB;

Fita 8: Crise stalinista de 1956, PCUS, conjuntura política da crise no PCB e na Ultab, 4º Congresso do PCB, Ligas camponesas;

Fita 9: Jango e o movimento sindical, Contag, AP, discurso do Tenorinho, Congresso em Belo Horizonte, ULTAB, jornal *Terra Livre*;

Fita 10: Casamento, mudança para a Europa para assumir cargo de secretário na União Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores na Agricultura, Florestas e Plantações (Uistaf), viagem pela América Latina e África, Federação Sindical Mundial, OIT, União Soviética;

Fita 11: Luta interna no Partido: grupo de Prestes x grupo que formaria o PC do B (década de 60), crítica aos cursos de formação de quadros no exterior, 5º Congresso do PCB (RJ), Contag, Ultab, Igreja, AP, Ligas Camponesas;

Fita 12: Golpe militar e mudança para São Paulo; família e vida na clandestinidade; segurança e atividades do partido;

Fita 13: Contag, contatos com João Goulart; CGT, movimento sindical urbano, sindicato dos bancários, Congresso camponês em Goiânia, golpe militar de 1964, exílio, amigos na clandestinidade, casamento;

Fita 14: Trabalho e estratégia de ação do partido pós 64, Marighella, Fábrica da Volkswagen, Anita Prestes, 6º Congresso do PCB (SP), luta armada e luta de massas;

Fita 15: Exílio, FSM (Federação Sindical Mundial), comunicação no exterior, salário no exílio, atividades da mulher (Esperança), relação com os soviéticos, volta ao Brasil, integração ao comitê central, Carta aos Comunistas (escrita por Prestes);

Fita 16: Tensões na FSM (Federação Sindical Mundial), relação com os soviéticos, problema dos burocratas, leste europeu, impressão dos movimentos de massa nos países visitados, relacionamento do PCB com Cuba, União Soviética, projeto de anistia no Brasil, volta ao Brasil, racha de Prestes.

DADOS DA ENTREVISTA:

ENTREVISTADO(S): Plínio de Arruda Sampaio

DADOS BIOGRÁFICOS: Advogado e ativista político. Natural de São Paulo, nasceu em 1930. Entrou para militância política a partir da Juventude Universitária Católica (JUC), atuando em seguida na Ação Popular (AP). Foi promotor público, trabalhou no governo Carvalho Pinto até tornar-se deputado federal pelo Partido Democrata Cristão (PDC). Participou ativamente da elaboração do projeto de reforma agrária do governo Goulart. Cassado pelo Ato Institucional nº1, exilou-se no Chile e, depois, nos Estados Unidos. Atuou intensamente na campanha pela redemocratização. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, do qual desligou-se em 2005, fundando o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Atuou na Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA), sendo um dos seus presidentes. Faleceu em 2014.

ENTREVISTADOR(ES): Débora Lerrer

CONTEXTO DE PRODUÇÃO: Entrevista realizada para o Livro *Reforma Agrária: os caminhos do impasse* (São Paulo: Editora Garçon, 2003). Constam no livro depoimentos de gestores públicos, líderes sem-terra, ruralistas e intelectuais a fim de – a partir de depoimentos discordantes – mapear o cenário da reforma agrária no Brasil.

DATA: 02/08/2003

LOCAL: Não informado.

ROTEIRO: () SIM (x) NÃO

OBSERVAÇÕES: A entrevista – formatada e editada para fins de publicação - encontra-se disponível entre as páginas 87 e 97. O material disponível em áudio obedece a outra organização daquela encontrada no livro.

CLASSIFICAÇÃO:

FUNDO: Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo

SETOR: Entrevistas

Série: Líderes e Dirigentes Partidários

MATERIAL:

TIPO	CÓDIGO	QUANTIDADE/ TEMPO DE DURAÇÃO	DISPONIBILIDADE PARA CONSULTA	OBS:
FITA K7/ CD	MSPP/en LDP.k7.pas2	01 fita k7/ 90 min	Não	Áudio e suporte bom estado e sonoro.
MP3	MSPP/en LDP.mp3.pas2	01h09min	Sim	Faixas reunidas em faixa única, formato MP3/320kbps.
TRANSCRIÇÃO	MSPP/en LDP.trans.pas2	11 páginas	Sim	Páginas digitadas e impressas em livro.

DESCRITORES:

Banco da Terra
Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)
Governo João Goulart (1961-1964)
Governo Lula (2003-2006)
Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário
Movimentos Sociais
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
Previdência Social
Reforma Agrária
Reforma agrária

SUMÁRIO:

Fita Única, Lado A: Inicia sua fala discutindo contexto nacional e internacional do governo Lula; tece comentários específicos sobre agricultura e economia nacional; explica a estratégia gradualista do governo Lula para lidar com a questão agrária; considera o apoio da classe média ao Lula muito baixo e a melhor estratégia do governo é dividir a classe média, conseguindo apoio de parcela (como é o caso dos professores); tece comentários sobre a reforma da Previdência; discute as razões de tanta tensão com o tema da reforma agrária; considera que a estrutura social-política do Brasil está calcada na submissão das classes populares e a reforma agrária é um dos processos que desequilibra tal submissão; reforça o objetivo da reforma agrária de atribuir cidadania política à massa rural e, com isso, efetivamente mudar o modelo agrícola; tece comentários sobre o peso político do MST, MDA e Incra na formulação das políticas agrárias; cita elementos considerados cruciais para haver uma reforma agrária efetiva; diz ser contrário aos projetos de reforma agrária sob base na tutela; analisa a divisão dos dirigentes e políticos dentro do PT e diz que o presidente Lula irá se colocar ao lado do grupo com maior força política.

Fita Única, lado B: Julga ser a reforma agrária uma “aspiração inconsciente do povo”; tece comentários sobre a relação do governo FHC com o MST; retoma análise sobre a tentativa de reforma agrária no governo Goulart e mostra que a proposta da reforma agrária hoje é completamente distinta; compara a força da massa urbana e rural; entende que o setor rural pode não ter condições de abastecer o país, mas tem condições de resistir; apresenta exemplos de reforma agrária como Japão, Coréia, China e Cuba; tece comentários específicos sobre a reforma na Bolívia; sobre o Banco da Terra, diz ter sido criado para dividir o meio rural.